Maria Valéria Rezende

Passagens: Brasil, Cuba, México, Uruguai

(1942-2026)



Maria Valéria Rezende nasceu no dia 8 de dezembro de 1942 em Santos, São Paulo, onde morou até os 18 anos. Mudou-se para a Paraíba em 1976, onde vive até hoje. Mesmo tendo vivido em vários países, Rezende se sente em casa na Paraíba. Como militante da Juventude Estudantil Católica e integrante da Congregação de Nossa Senhora – Cônegas de Santo Agostinho –, Rezende percorreu vários países do mundo e mesmo dentro do Brasil sempre fez trabalhos humanitários voltados para os mais carentes. Foi em João Pessoa, Paraíba, que em 2018 ela se uniu a outras mulheres para fundar o Mulherio das Letras, um coletivo de mulheres artistas, escritoras, críticas e pesquisadoras que visa a facilitar a edição e divulgação da Literatura.

É formada em Pedagogia, pela PUC-SP, e em Língua e Literatura Francesa, pela Universidade de Nancy; é mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Tem formação religiosa e como freira fez inúmeros trabalhos sociais ao redor do mundo. Cuba, México e Uruguai são os principais países por onde ela passou, praticando ações de ajuda humanitária. Publicou mais de 20 obras, entre as quais *O voo da guará vermelha* (2005) e *Quarenta Dias* (2014), vencedora do prêmio Jabuti no mesmo ano. *Outros cantos* (2016) foi vencedor do prêmio Casa de Las Américas em 2017, do prêmio São Paulo de Literatura no mesmo ano e terceiro colocado no prêmio Jabuti. Em 2020, o romance *Carta à rainha louca* ficou em 3º lugar no prêmio Oceanos. Nos últimos anos publicou, em 2021, a novela *Rio de sonhos*, e em 2023, o infanto-juvenil *Vovó também sabe voar* e o livro de haikais *A voz dos ares*, escrito

com Marilia Kubota.

Sua obra é marcada por narrativas de mulheres fortes e contestadoras. Também se destaca em sua escrita a presença forte do sertão nordestino e seus regionalismos. Rezende se preocupa em tornar protagonistas os invisibilizados da sociedade brasileira: professoras, prostitutas, trabalhadores braçais, mulheres velhas e à margem na vida. Assim é o caso do pedreiro Rosálio e da prostituta Irene em *O voo da guará vermelha,* que são unidos pelo afeto e pelo poder da palavra; ou de Maria, professora militante de *Outros cantos*, que ao decidir deixar a metrópole e se embrenhar no sertão para ensinar no MOBRAL, acaba praticando educação popular e política; ou ainda Alice, de *Quarenta dias*, que, ao perceber-se alvo de chantagens e mentiras da única filha, empreende um verdadeiro percurso de libertação e resistência; por último, pensemos em seu romance *Carta à rainha louca,* de 2019, que parte das experiências diaspóricas da narradora Isabel das Santas Virgens para tratar do patriarcado colonial no Brasil, trazendo um importante aparato baseado em pesquisa histórica.

A diáspora em *Carta à rainha louca* aparece como um dos eixos fundamentais do romance, articulada à condição das mulheres na Colônia, à violência patriarcal e às estruturas de poder do período. Nesse livro, uma mulher de nome Isabel das Santas Virgens, encarcerada no Convento do Recolhimento da Conceição, escreve à rainha Maria I, narrando os infortúnios e humilhações a que as mulheres pobres, sem família e escravizadas eram submetidas. Desde ações violentas à falta de comida e exploração sexual, Isabel expõe a sua Majestade a realidade da colonização brasileira praticada pelos homens da coroa. Ambientada em Olinda, cidade do estado de Pernambuco, nos anos de 1789 a 1792, essa narrativa denuncia a situação de mulheres que precisam se defender e lutar para continuarem vivas. Rezende parte de uma pesquisa documental para escrever a missiva da personagem à rainha e denunciar a situação em que se encontravam não apenas as mulheres, mas também os povos originários e africanos que viviam no Brasil. A autora usa a linguagem de Setecentos para trazer o relato de uma personagem que denuncia os abusos impetrados pela Coroa às prisioneiras deste lado de cá do oceano. Para manter-se viva, a personagem precisa fugir,

empreender uma escalada de deslocamento e até fingir-se de homem.

O romance retrata o dilema de uma mulher para levar o leitor a refletir a situação de toda uma minoria alijada da sociedade. Em sua missiva, Isabel denuncia a situação de parte importante da sociedade daquela época. Estando primeiramente reclusa num convento na Bahia para acompanhar sua senhorinha Blandina – encarcerada contra sua vontade por determinação paterna –, a protagonista narra a sua história desde o nascimento, explicando, por exemplo, como o pai, que era português, veio para o Brasil. O romance retrata de forma verossímil essas empreitadas penosas e violentas, que duravam meses causando adoecimento e mortes, principalmente aos escravizados. Essa passagem remete à diáspora africana, pois os pais da protagonista vieram para o Brasil num navio negreiro. O navio negreiro no romance é apresentado não apenas pela difícil viagem, a violência imposta e as muitas mortes. O enredo destaca a capacidade de resistir. O escravo Gregório, que fora dado como morto e jogado ao mar, foi salvo pelo pai de Isabel. Esse personagem representa a valorização da memória e impede o apagamento de sua cultura. Assim, é possível depreender o diálogo entre o romance e a crítica decolonial, pois a obra encontra meios de valorização da memória coletiva, da ressignificação da cultura diaspórica e de novos modos de pensar, problematizando a lógica colonialista que ainda existe.

O dilema dos sujeitos diaspóricos que vivem entre o desejo de retornar à terra de origem e a necessidade de permanecer na terra de destino é relatado nessa obra. A sensação de não-pertencimento é retratada logo no início da narrativa com a lembrança de Isabel sobre seus pais. Eles eram portugueses e vieram para o Brasil atrás de melhores condições de vida com o desejo de um dia voltarem à sua aldeia. De origem pobre, o pai da protagonista desposara sua mãe para ter filhos legítimos e cobrar terras que foram usurpadas de sua família. A mãe de Isabel sofreu muito com a viagem e ao desembarcar na Bahia ficou ainda mais doente. Já grávida, não resistiu ao parto, morrendo pouco tempo depois. Isabel cresceu sem a presença materna, sendo criada na senzala para ser amamentada pelas escravas. O parto, tido por milagre, aconteceu no dia da Festa da Visitação, recebendo a protagonista, por esse motivo, o nome de Isabel Maria das Virgens. Mesmo tendo crescido com pouco contato paterno,

Isabel atribui ao pai características como lealdade, força e dedicação. Características que causaram a sua ruína, pois se ele e sua mãe tivessem ficado em Portugal, vivendo na pobreza, em vez de acompanhar Dom Afonso para cobrar uma sesmaria na Bahia, poderiam ter tido melhor vida.

De maneira análoga à travessia do Atlântico feita pelos pais, Isabel também precisou deslocar-se para escapar da morte. Esse é um aspecto importante para a classificação da obra como metaficção historiográfica (Hutcheon, 1991), pois se trata de uma leitura crítica do passado que apresenta ao leitor uma nova possibilidade de ler a história *a contrapelo.* Quando já adolescente e sendo entretanto dama de companhia da senhoria Blandina, mudou-se com ela para um convento na Bahia. Blandina havia dado à luz a um filho bastardo e, para cessar a vergonha da família, foi encarcerada no mosteiro como monja de véu preto, uma espécie de reclusa que não pode mais se casar. Isabel era pobre e sem dote, seu pai havia desaparecido numa de suas empreitadas a mando do patrão. Blandina morreu de tristeza algum tempo depois de ver-se encarcerada contra sua vontade. Isabel deixou então o convento e passou algum tempo nas ruas da Bahia disfarçada de homem. Como era alfabetizada e gostava de escrever, dedicou-se a trabalhar clandestinamente na escrita de cartas e documentos, permanecendo mais um ano na cidade de São Salvador. Quando soube que muitos avançavam para as terras de Minas Gerais, decidiu segui-los. Trajada de homem e dizendo chamar-se Joaquim, pouco falava, viajando no lombo de uma mula que havia recebido como pagamento dos seus préstimos de escriturária. Em Minas Gerais, a protagonista vive alguns anos como Joaquim na cidade de Vila Rica, até ser descoberta e precisar fugir. Desta vez vestida de beata, ela se desloca junto com uma comunidade de fiéis religiosos para o norte do estado. Juntos, eles fundam uma comunidade e vivem alguns anos à custa da própria plantação e divisão do trabalho. Denunciada e acusada por um padre, mesmo não tendo cometido crime algum, Isabel é definitivamente presa e passa a residir no convento de Olinda até a sua morte.

Isabel vive uma realidade diferente daquela de muitas mulheres e grupos silenciados no Brasil Colônia. A ideia do romance surgiu em 1982, quando, ao visitar o Arquivo Histórico

Ultramarino em Portugal, a autora se deparou com a carta de uma senhora que escreveu à rainha para se defender da acusação de manter na região de Minas Gerais uma comunidade para acolher mulheres rejeitadas pelo sistema. Essa história ficou guardada em sua cabeça muitos anos e só em 2019 ela publicou o romance. Importa aqui realçar que, ao longo da sua vida, Isabel não se sentia pertencente a nenhum lugar. Essa consciência da protagonista será ressaltada sobretudo nas últimas páginas do romance, quando já velha e presa definitivamente, anseia que alguém (principalmente o leitor) possa ler a sua carta e entender que suas lutas e seu incessante deslocamento foram não somente importantes para sua sobrevivência, mas também um legado para as mulheres e para os povos invisibilizados.

Há ainda outros dois importantes romances de Rezende em que o deslocamento das personagens é o fator constitutivo do enredo: *Outros cantos e Quarenta dias*. No primeiro, uma mulher de nome Maria se embrenha no sertão do país para praticar educação popular, infiltrada como professora do MOBRAL. Ela busca esclarecer trabalhadores explorados (homens, mulheres e crianças) para uma possível revolução. Maria não consegue alcançar a sonhada revolução, pois é descoberta antes disso como uma socialista infiltrada, mas suas sementes de conscientização social e política são claramente plantadas. Em *Quarenta Dias*, Alice, a protagonista, é uma professora recém-aposentada que vive na Paraíba. Ela recebe, inesperadamente, o chamamento de sua única filha para se mudar para Porto Alegre, a fim de a ajudar a criar o filho e a prosseguir os estudos. Já nesta cidade, Alice sente como podem ser inóspitos não só a referida capital, mas também a filha e o genro que sequer foram recebê-la. Sem trabalho ou companhia, numa cidade em que as diferenças vão muito além da temperatura, Alice faz questionamentos, sente a dor da solidão e do deslocamento, antes de passar quarenta dias na rua fugindo de todos e de quem ela pensava ser.

As mobilidades geográficas aqui referidas compõem as próprias personagens, ou como afirma Regina Dalcastagnè: “o espaço, hoje mais do que nunca, é constitutivo da personagem, seja ela nômade ou não. Só convém lembrar que personagens efetivamente fixas na sua comunidade estão quase ausentes da narrativa brasileira contemporânea (era muito mais fácil encontrá-las nos romances regionalistas).” (2003: 34) Assim sendo, com sua

literatura em constante movimento e fortemente marcada pelo deslocamento das personagens, Maria Valéria Rezende se destaca na produção contemporânea em língua portuguesa também por seu olhar potente sobre os espaços, os deslocamentos e as diásporas, abordando o sertão e a cidade, tanto na atualidade, como durante o período de Brasil como colônia.

Citações

Assim são, de fato, Senhora, quase todos os homens aos quais Vós pensais ter entregue a salvação das almas dos indígenas e dos africanos, mas antes lhes causam horror por sua religião que não lhes esconde a impiedade de fazerem de suas tristes vidas cativas um verdadeiro inferno, apesar das igrejas e capelas erigidas por suas confrarias, revestidas de ouro e perfumada de incensos raros. (*Carta à rainha louca*: 83)

Minha mãe, que o infeliz do meu pai foi buscar à sua aldeia natal para gerar-lhe filhos legítimos, capazes de lá voltar, quando o bafejasse a fortuna – acreditava nela, o meu pai – a reclamar as terras boas usurpadas pela ganância de um senhor daqueles montes, do outro lado do oceano, onde dizem haver mais pedras do que terra". (*Carta à rainha louca*: 56)

Segundo dizem os demais homens desse fidalgo, não fossem a coragem e a inteligência de meu pai, teriam todos perecido, levados pelas imensas vagas, mais perigosas do que quaisquer monstros ou sereias que nesse mar oceano houvesse, a varrerem o convés e inundar cabines e porões do barco, durante uma longa tempestade. (*idem:* 57)

Cedo demais perdi minha mãe e salvei-me apenas pela astúcia de Gregório que me entregou à bondade das negras para criar-me nos desvãos da senzala e da cozinha da casa grande, até meus quatro ou cinco anos, quando já não podiam mais manter-me quieta e escondida das vistas dos senhores. (*idem:* 58)

Assim permaneci ainda um ano na cidade de São Salvador, abrigando-me por um punhado de réis na água-furtada da casa de uns comerciantes, que me tomavam por um estudante tímido e calado, a preparar-me para ir à Coimbra, mentira que me veio à boca logo que me perguntaram de onde vinha e para onde ia. Por uma escada externa à casa subia-se e descia-se desse sótão e, não faziam nenhum caso de mim se o aluguer lhes fosse pago no dia certo, coisa fácil para o discreto e bom forjador de documentos falsos e bem pagos que me tornei. (*idem:* 114)

Eu, muitos meses atrás, tão confiante e quase serena, Vos vinha narrando de maneira bem mais ordenada a minha história até o caminho das Minas Gerais, para vos testemunhar de que modo, por nenhum crime, vim eu aqui parar, quando então senti embaralhar-se de novo, minhas ideias e palavras, meus sentimentos e ânsias, sem saber ainda de uma epidemia de febres como as muitas a espalharem-se frequentemente nesses rincões. Temia outra vez perder o siso como quando aqui cheguei e já Vos contei e podeis vê-lo na forma abatalhoada das minhas muitas páginas há anos iniciadas. (*idem:* 12)

Bibliografia Ativa Selecionada

Rezende, Maria Valéria (2018), *A face serena*. São Paulo, Penalux.

— (2019), *Carta à rainha louca*. Rio de Janeiro, Alfaguara.

— (2014), *O voo da guará vermelha*. Rio de Janeiro, Alfaguara.

— (2016), *Outros cantos*. Rio de Janeiro, Alfaguara.

— (2014), *Quarenta dias*. Rio de Janeiro, Alfaguara.

— (2014), *Uma aventura muito louca.* DSOP, São Paulo.

Bibliografia Crítica Selecionada

Dalcastagnè, Regina. “Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 21, p. 33-53, 2003.

Fanon, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

Gilroy, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência,* trad. de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.

Gonzalez, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*: ensaios, intervenções e diálogos. Flavia Rios e Márcia Lima (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Hutcheon, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*, trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Walsh, Catherine. “Entretejiendo lo pedagógico y lo decolonial: luchas, caminos y siembras de reflexión-acción para resistir, (re)existir y (re)vivir”. *Alternativas*, 2017. Disponível em: https://alternativas.osu.edu/en/ebooks/catalog/new-ebook.html

Maciel, Nahima. Maria Valéria Rezende lança ‘Carta à rainha louca’. *Correio brasiliense*, 2019. Disponível em: Maria Valéria Rezende lança ‘Carta à rainha louca’. Acesso em 16 de dezembro de 2025.

Mignolo, Walter D. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287-324, 2008.

Xavier, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2021.

Pries, Ludger (2001), “The approach of transnational social spaces. Responding to new configurations of the social and the spatial”. *New Transnational Social Spaces. International Migration and Transnational Companies in the Early Twenty-First Century*. London, Routledge.

Quintana, Cécile (2020), *Sujetos y escrituras de la errancia en América Latina*. Paris, Éditions des archives contemporaines.

Sorj, Bernardo Sorj (1997), “Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica”, *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Imago Editora.

Viart, Dominique (2009),“Le silence des pères au principe du “récit de filiation”. *Études françaises*, v. 45(3): 95–112.

Autor(a): **Adriana Aleixo Neto** | ORCID

Citar

Adriana Aleixo Neto, "Maria Valéria Rezende", *Diásporas em Português*, ISBN 978-989-35462-0-8, 9 de Outubro, 2026, https://diasporasemportugues.ilcml.com/glossary/maria-valeria-rezende/

Verbetes de Adriana Aleixo Neto: Maria Valéria Rezende,